

Acontece em Brasília

- Michel Temer não lutou apenas para aprovar a PEC do Teto de Gastos; lutou também para manter a base de apoio coesa. Venceu essa batalha no primeiro turno da votação da PEC e soube faturar com apoio da grande mídia, incluindo a Folha de S. Paulo que, aparentemente, tem se posicionado de forma crítica em relação ao governo Temer. Uma radiografia da votação da PEC na Câmara revela que o governo continua com os mesmos 367 votos de 17 de abril, quando a Casa aprovou o impeachment e autorizou o Senado a processar a ex-presidente Dilma Rousseff. Na última segunda-feira, dos 513 deputados, estavam presentes 480 e 33 faltaram. Disseram sim à proposta do governo 366 deputados e 111 foram contra, dois se abstiveram. Como o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, não votou (o art. 17 do Regimento Interno diz que o presidente não vota, mas sua presença conta para efeito de quórum), embora tenha trabalhado intensamente para a aprovação da PEC, o Planalto continua tendo 367 votos.

- São os mesmos votos que elegeram o agora deputado cassado Eduardo Cunha em fevereiro de 2015, o que mostra que a base do governo, que já foi de Cunha, trocou de mãos, mas não mudou de tamanho e não rachou nem ameaçou rachar. As divergências durante as negociações para a aprovação da PEC se deram em torno de questões fisiológicas, como no caso do deputado Paulinho da Força, presidente do Solidariedade e da Força Sindical. Alexandre Pereira da Silva, filho do deputado, foi nomeado superintendente do Inkra em São Paulo, Estado onde o Pontal do Paranapanema continua sendo um dos pontos mais sensíveis para o MST. Paulinho tem ajudado o governo a conter o MST, se tornando um interlocutor privilegiado do Palácio do Planalto, mas não de Michel Temer. Ele prefere que Paulinho trate com o presidente do PMDB de São Paulo, José Yunes, ou com os ministros Geddel Vieira Lima e Eliseu Padilha.

- Cem por cento do Solidariedade votou com o governo. No PRB do Bispo Macedo, a fidelidade ao governo também é de 100%. O partido quer contar com a boa vontade do Planalto para com a prefeitura do Rio, já que dá como certa a eleição de Marcelo Crivella. A bancada ruralista com pouco mais de 200 deputados, hoje sob forte influência do ministro da Agricultura Blairo Maggi,

também tem dado forte respaldo ao governo e com excelente custo/benefício, porque tem pedido menos do que tem dado em troca, já que Blairo saciou os produtores com medidas de desburocratização, mudanças no seguro rural e intenso trabalho para aumentar as exportações do agronegócio onde ganham desde pequenos produtores e cooperativas até grandes conglomerados como a BRF.

Acontece em Brasília

- O governo manteve sua base original, mas a oposição perdeu substância. Caiu de 137 votos no impeachment para 111 na PEC do Teto. O PDT, por exemplo, votou em peso contra o impeachment. Mas na votação da PEC, seis dos 17 deputados do partido presentes votaram com o governo. Apenas o PT, PCdoB, Rede e PSOL votaram coesos contra o governo Temer. Juntos, os quatro partidos somam 75 deputados. As dissidências dentro do PSB foram pontuais, como no caso de Pernambuco, onde o governador Paulo Câmara e o senador Fernando Bezerra Coelho travam uma guerra surda pelo espólio político do falecido governador Eduardo Campos, Acre, Minas Gerais, Amapá e Rio Grande do Sul. Entretanto, a maioria do partido continua apoiando o governo, garante o presidente da legenda, Carlos Siqueira.

- Mesmo sem aumentar a base - ainda é lenda urbana o apoio de mais de 400 deputados - o governo vai aos poucos encurralando a oposição. O resultado das eleições municipais, com a derrota da esquerda e o avanço da centro-direita em todo o País, ajudou muito. Nos próximos dois anos, até as eleições de 2018, a oposição terá de se reinventar se quiser melhorar o desempenho eleitoral. Hoje, as entrelinhas das pesquisas de opinião mostram que o eleitorado quer votar em governantes minimamente previsíveis e que não corram o risco de ter o mandato interrompido por ações policiais como a Lava Jato. Em todo o País, investigações têm pipocado atingindo inúmeras prefeituras do interior e indicando que a atitude dos procuradores de Curitiba acabou contaminando seus colegas de outros estados. E isso tende a aumentar ao invés de acabar. O perfil de Ciro Gomes, que concorrerá pelo PDT, não se encaixa na demanda do eleitorado captada pelas pesquisas mais recentes do Ibope e da Datafolha, além de outros institutos menos conhecidos que trabalham para bancos e grandes indústrias. Ciro é conhecido pelo pavio curto e a língua solta, que tanta dor de cabeça já causaram. Tem um enorme passivo na figura do seu irmão, o ex-governador Cid Gomes, e concorrerá pelo PDT que perdeu completamente a identidade depois da morte de seu fundador Leonel Brizola. Até agora, o candidato com perfil mais próximo do desejado em 2016 pelos brasileiros é o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin.

- Mas até 2018 muita coisa ainda pode e deve acontecer. O governo Temer precisa entregar a segunda votação da PEC do Teto na Câmara, as duas votações no Senado e a reforma da Previdência em 2017. Precisarás ainda derrubar os índices de desemprego e obter uma sinalização clara do mercado internacional de que o Brasil recuperou a confiança perdida pelo governo do PT, existindo perspectiva real de reavermos o grau de investimento retirado pelas agências internacionais de risco. Sem fazer esse dever de casa, o governo Temer verá sua base migrar para quem apresentar a melhor perspectiva de poder e puder garantir sua

sobrevivência política.

Fonte : Fecomercio-SP

Nota: Em caso de dúvidas, pedimos a gentileza de entrar em contato através do e-mail: sicap@andap.org.br, ou preenchendo o formulário de consulta em nossos sites: www.andap.org.br ou www.sicap-sp.org.br